

COMUNICAÇÃO



Nesta seção é analisada repercussão do 15M - movimento pela Educação que levou milhões às ruas no dia 15 de maio - tanto nas redes sociais quanto na imprensa nacional e estrangeira. Na subseção mídia internacional, um retrato do que vem sendo noticiado sobre o Brasil e o governo Bolsonaro mundo afora.

Protestos são destaque na imprensa e nas redes sociais

#15M nas redes

No dia 15 de maio, o movimento Todos pela Educação tomou as ruas de diversas cidades do país. Nas redes sociais online também ocorreu um movimento intenso, marcado por características extraordinárias que ajudam a compreender a movimentação.

O trabalho de combate às fake news e “denúncias de balbúrdia” produzidas pelas redes de extrema direita foi de responsabilidade da imprensa tradicional, que, a partir de suas agências de fact checking, atuou para neutralizar inúmeras dessas publicações. Isso fez com que a rede de imprensa fosse dragada pelos agrupamentos de esquerda/progressistas consolidados, no caso o agrupamento azul do grafo.

A enorme diversidade de agrupamentos em defesa dos atos traduz o que foi o dia nas redes. Inúmeros grupos, dialogando com diversos segmentos das redes a partir de variados influenciadores temáticos. Com destaque para cartazes, frases de efeito e uma linguagem diferente da observada nos agrupamentos de esquerda. São nítidos o orgulho e o engaja-

mento de usuários não alinhados politicamente aos partidos e/ou movimentos de esquerda.

No decorrer das manifestações, os defensores de Bolsonaro encontraram uma segunda alternativa para tentar deslegitimar as manifestações: ligá-las ao movimento Lula Livre e acusar os partidos de esquerda de tentarem cooptar o movimento. A tentativa, porém, teve repercussão apenas entre os usuários da rede antipetista/direita e alguns usuários que defenderiam um movimento “apartidário”. No Facebook, as páginas SomostodosBolsonaro e Kim Kataguiiri encabeçam essa tentativa.

Fernando Haddad teve ótimo desempenho ao se posicionar como professor contrário ao corte de gastos. Muitos usuários buscavam nele um influenciador sobre o tema. Duas de suas publicações no Facebook estão entre as com maior engajamento sobre educação naquele dia, com mais de cinquenta mil interações.

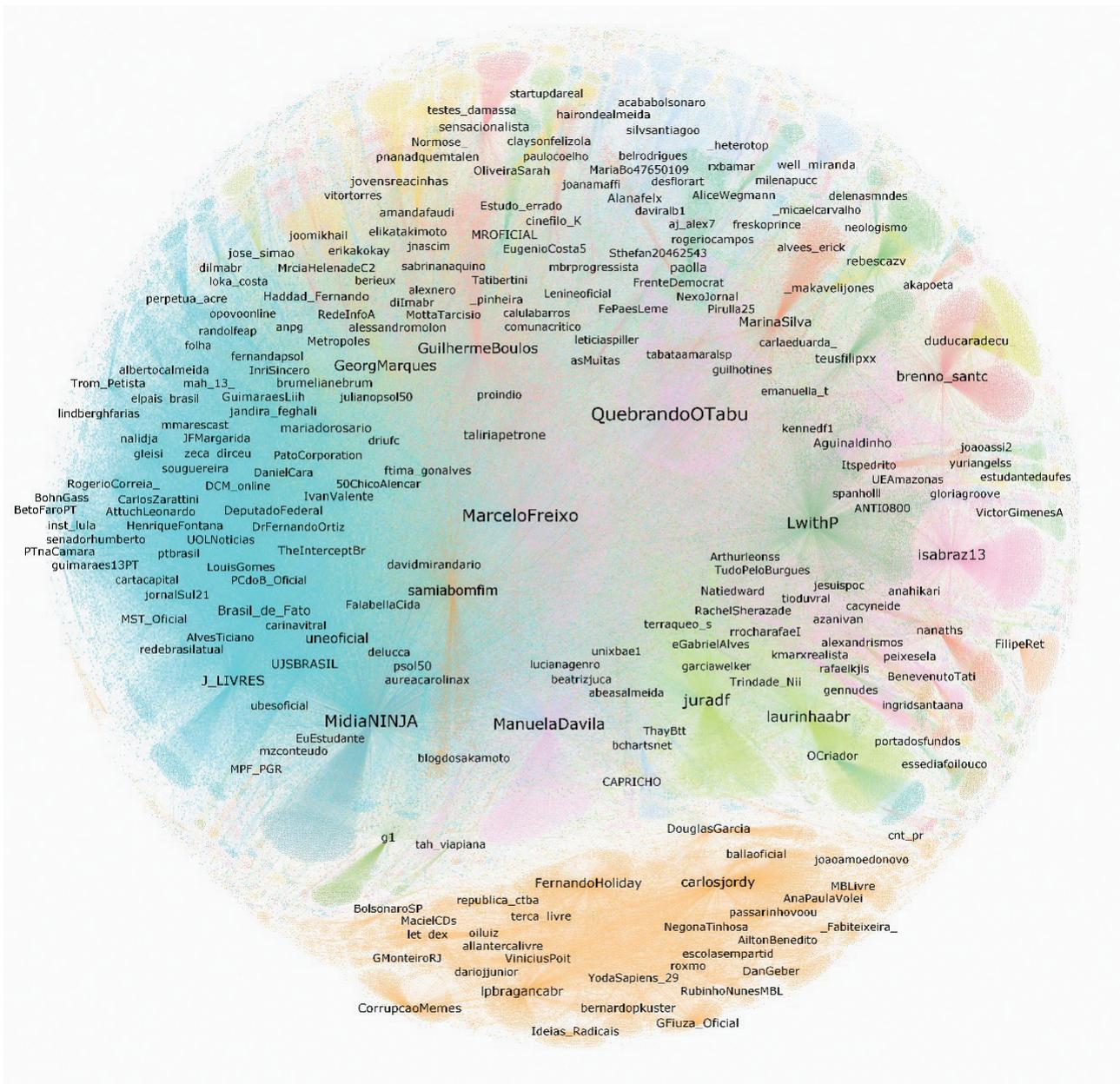
No Twitter foram coletadas mais de setecentas mil ocorrências, com os defensores dos cortes na educação representando 14,05% do total. No Facebook

foram produzidas mais de onze mil publicações, com engajamento superior a 4,5 milhões. Comparativamente, a publicação de Gleisi Hoffmann “#Ao-vivo Ato em Curitiba em defesa da Educação. Todos juntos contra o corte de verbas do ensino público!” superou publicação de Bolsonaro sobre educação, com quase cinquenta mil interações.

Destaque também para páginas como Suricate Se-boso, com mais de 6,3 milhões de curtidas, que se posicionou contra o corte: “minha mãe sempre diz: a única oportunidade que o pobre tem na vida é estudar”. A publicação teve mais de 24 mil interações. O engajamento de páginas e perfis como esse – somado à cobertura da imprensa *mainstream* – desconstruem, quase de forma orgânica, a alternativa encontrada por usuários de extrema direita de acusar a esquerda de

cooptação do movimento.

Entre as notícias mais compartilhadas sobre o tema, destacam-se “Bolsonaro chama manifestantes pela Educação de idiotas úteis” (363 mil compartilhamentos); “Nos Estados Unidos, Bolsonaro chama manifestantes da educação de idiotas úteis” (237 mil compartilhamentos); “Protestos e paralisações contra cortes na educação ocorrem em todos os estados e no DF” (97 mil compartilhamentos); “Lula livre vira pauta de estudantes em ato pela educação” (MBL News – oitenta mil compartilhamentos); “Manifestantes protestam na Paulista contra bloqueio de recursos para a educação anunciado pelo MEC” (77 mil compartilhamentos); e “Bolsonaro chama manifestantes contra cortes na educação de idiotas úteis” (71 mil compartilhamentos).



O Brasil na imprensa estrangeira

“Como o Brasil e a África do Sul se tornaram os países mais populistas do mundo”, foi a manchete de uma reportagem do jornal *The Guardian* no dia 1º de maio. O artigo publica o resultado de uma pesquisa realizada pela internet pelo YouGov-Cambridge Globalism Project. A pesquisa aponta que mais de dois entre cada cinco brasileiros podem ser classificados como populistas firmes. A sondagem foi realizada em uma parceria entre o grupo YouGov, a Universidade de Cambridge e o jornal *The Guardian*.

O resultado é assustador e pode ser questionável, afinal, trata-se de um questionário aplicado online. No entanto, o fato é que um dos maiores jornais da Inglaterra publicou tal notícia sobre o Brasil. O conceito de populismo utilizado pela pesquisa entende que se trata-se de uma ideologia na qual os indivíduos enxergam “o povo puro” versus “uma elite corrupta”. O motivo para a força dessa forma de pensar no Brasil seriam os casos de corrupção que teriam acabado completamente com qualquer tipo de confiança nos políticos.

De acordo com a reportagem, esse sentimento foi o que levou Jair Bolsonaro a ser eleito presidente. O que o artigo do jornal não aborda é o peso que teve o sensacionalismo da imprensa com relação à Operação Lava Jato e casos de corrupção que vieram a público nos últimos anos.

Diferente do período eleitoral, as reportagens já não mencionam mais que o Brasil esteja sofrendo com uma polarização política. O que mais parece chamar a atenção dos veículos estrangeiros é a perseguição cultural e ideológica promovida pelo atual governo. O chamado “marxismo cultural” que tanto é criticado por Bolsonaro e uma parcela de seus ministros foi citado por jornais da Inglaterra, França, Espanha e Rússia. Os textos contam como o Estado brasileiro vem operando de maneira maniqueísta, tentando propagar a ideia de que está inserido em uma luta do bem contra o mal, na qual a esquerda e tudo o que os últimos governos fizeram são o “mal”.

Um bom exemplo é a política ambiental. O ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles é um dos que sempre tenta desqualificar os trabalhos de gover-

nos anteriores e diz estar trabalhando contra algo perverso que trava a ação dos cidadãos de bem. O jornal *Le Monde* afirma que o ministro tem utilizado essa retórica para desfazer tudo o que já foi feito. A manchete utilizada na reportagem afirma que está sendo implementada uma política de destruição do meio ambiente. A questão ambiental brasileira costuma ser tratada pelo jornal com frequência. No mês de maio o *Le Monde* ainda publicou um manifesto assinado por catorze representantes de povos indígenas que denuncia a premissa de um apocalipse para as tribos. Outro texto, esse assinado por ex-ministros do Meio Ambiente, anuncia que a governança social e ambiental está sendo desmantelada. O tema também foi tratado no *New York Times* em um artigo publicado pelo jornalista Heriberto Araújo, em que ele pede para que a Amazônia seja protegida das ações do governo Bolsonaro.

O maniqueísmo que constitui o discurso bolsonarista aparece em outras reportagens publicadas ao redor do mundo. O *Russian Times*, por exemplo, mostrou algumas reações à fala da ministra Damares sobre uma princesa de um filme da Disney que, na visão dela, seria lésbica. O texto parte de uma crítica feita pelo jornalista Glenn Greenwald. Outro exemplo é o desejo de acabar com cursos de Sociologia e Filosofia em universidades públicas. O *Le Monde* e o espanhol *El Mundo* dizem que há uma cruzada contra as duas áreas e contra a universidade pública em geral. O jornal francês ainda publicou um manifesto assinado por 1.400 pesquisadores, entre eles Judith Butler, Eric Fassin, David Paternotte e Achille Mbembe que criticam os cortes nos investimentos em pesquisa.

A greve nacional da educação foi amplamente noticiada. Primeiro, pelo tamanho dos protestos, e, segundo, porque já havia ocorrido a mencionada manifestação de intelectuais. Os jornais afirmaram que milhões foram às ruas contra o governo e sua política para a Educação e deram muito mais espaço para que manifestantes e intelectuais se pronunciassem do que a imprensa comercial brasileira. Todas as reportagens mencionaram a reação de Bolsonaro que chamou os manifestantes de “idiotas úteis”.

Nas reportagens fica claro que existem perspecti-

vas diferentes sobre a política de Bolsonaro e que o presidente tem um discurso estranho por dizer sempre que está combatendo ideologias e o “marxismo cultural”. Porém, os jornais de outros países não têm ouvido estrangeiros que são especialistas em história, cultura e política brasileiras. Essas perspectivas foram fundamentais, por exemplo, para que a imprensa internacional passasse a enxergar o impeachment como um processo controverso e recheado de interesses políticos.

Por outro lado, as opiniões e as reflexões do ex-presidente Lula, reconhecido pelos jornais estrangeiros como a maior liderança viva da esquerda latino americana, começam a atravessar as fronteiras brasileiras. Lula já foi entrevistado pela inglesa BBC, pelo jornalista estadunidense Glenn Greenwald que é comentarista em emissoras de TV dos EUA, tem versão em inglês do seu site, o *The Intercept*, e tem influência internacionalmente, além da revista alemã *Der Spiegel*. Vivemos um período de imediatismo extremo no Brasil, mas a propagação de ideais como os que Lula expõe pode ser algo frutífero, principalmente, se for comparado ao discurso e prática de Jair Bolsonaro.

Por fim, vale mencionar um artigo publicado na revista *The Economist* sobre o Cais do Valongo, no Rio de Janeiro. O texto aponta o descaso brasileiro para com a sua própria história, principalmente, quando trata-se de alguma parte dela que seja dolorosa. Nesse contexto, é importante recordar um artigo publicado no *Le Monde* em 2006 sobre o Brasil, de autoria de um historiador francês. Ele afirmou que o Brasil tinha pela frente toda a sua história. O fato é que continuamos nessa mesma condição.

Grandes grupos intensificam críticas ao governo

Ao observar os editoriais publicados pelos grandes jornais da imprensa comercial a respeito do governo federal, é fácil constatar que houve uma elevação do tom crítico a respeito da incapacidade de Bolsonaro de se relacionar com o Congresso e aprovar a reforma da Previdência em curto prazo, como era esperado. Ainda mais críticos foram os editoriais que trataram da crise na educação e as reações do presidente, com usuais frases de efeito que refletem sua incapacidade de oferecer respos-

tas à opinião pública e reforçam a busca por confrontos e polêmicas, as marcas de Bolsonaro desde a campanha eleitoral.

Em 17 de maio, *O Globo* publicou “Não se governa por meio de confrontos”, no qual critica Bolsonaro por continuar a se portar como se fosse candidato em vez de assumir de fato o papel de líder do governo. “Fala sobre temas sensíveis sem conhecê-los, não mede palavras e, já com cinco meses de mandato, faz questão de atropelar a chamada liturgia do cargo - um comportamento autodestrutivo muito eficaz para criar mais problemas ao seu governo do que a própria oposição”. O texto menciona o episódio no qual o ministro Abraham Weintraub fez um ataque de fundo ideológico a quatro universidades federais, recuando logo em seguida para contingenciar recursos de todo o Ensino Superior.

O *Estadão* publicou em 21 de maio um editorial intitulado “Balbúrdia na educação”, que ironiza a justificativa do ministro da pasta ao perseguir as quatro universidades federais com corte de verbas. No texto, o editorialista critica as três demissões consecutivas de presidentes do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) apenas neste ano e afirma que “se há balbúrdia na área de ensino, ela está sendo causada não por professores e estudantes, mas pela inépcia administrativa e incompetência política dos dirigentes indicados pelo presidente”.

Em outro texto, “De novo à beira da recessão”, publicado em 15 de maio, o alvo da crítica do *Estadão* é o fiasco do primeiro ano do governo Bolsonaro. “A recuperação econômica foi interrompida, a produção de bens e serviços pode ter encolhido no primeiro trimestre e o futuro continua ameaçado”. O texto defende a reforma da Previdência como saída para todos os males.

No editorial publicado pela *Folha de S.Paulo* no dia 19, “Risco de desgoverno”, a dificuldade de Bolsonaro em relacionar-se com o Congresso é apontada como causa para a perda de confiança da sociedade. “Os projetos legislativos mais importantes do governo, o pacote anticrime e a reforma da Previdência, têm tramitação dificultosa. O mandatário, crítico destrutivo do sistema político, nada colocou no lugar além de abstrações vazias.”